

AFROS & AMAZÔNICOS



A ESCOLA DE PRETO E SAMBA NO PÉ: A RESISTÊNCIA RACIAL DO G.R.E.S. OS DIPLOMATAS DO SAMBA

*The School of Black and Samba on Foot: the Racial Resistance of the G.R.E.S.
Samba's Diplomats*

Rita Clara Vieira da Silva*

Marco Antônio Domingues Teixeira**

Resumo: O presente texto é um recorte da escrita de dissertação para o Programa de Pós-graduação em História da Amazônia – PPGHAM, pertencente à Universidade Federal de Rondônia – UNIR. O tema da pesquisa são as disputas carnavalescas entre as escolas de samba Pobres do Caiari e Os Diplomatas do Samba, em Porto Velho, nas décadas de 70 e 80 do século XX. E para esse artigo o recorte escolhido foi um dos resultados da pesquisa, a questão do racismo presente no carnaval em Porto Velho à época e a resistência preta de uma Escola de Samba às tentativas de embranquecimento da cultural popular.

Palavras-chave: Porto Velho; Carnaval; Escolas de Samba; Racismo; Resistência.

Introdução

No seio de uma cidade que já nasceu dividida entre “Categas” e “Mundiças”, dois grupos sociais que dividiam a região entre os funcionários da Madeira Mamoré e os outros, considerados a ralé da localidade, as disputas entre os grupos sociais eram claras e ainda são. O marco divisório, estabelecido na avenida Presidente Dutra, não dividia só o território entre o que era administrado pela EFMM e o que não era, dividia grupos sociais, o direito ao acesso a estrutura de urbanização, trabalho e dignidade.

O carnaval chegou a Porto Velho como festa de elite, dentro de clubes e principalmente no Clube Internacional, em forma de bailes, para aqueles que po-

diam pagar para se divertirem no período momesco. Depois, os clubes sociais do Bancrevea e o Danúbio Azul passaram a sediar os grandes bailes de carnaval, até mesmo com escolha de musas, entre as jovens moças da sociedade elitista Portovelhence.

O povo pobre, excluído socialmente desses bailes, precisou encontrar uma maneira, dentro de sua condição social para aproveitar o período de carnaval e assim surgiram os primeiros desfiles de rua, com os pequenos blocos, como uma forma de resistência dos “Mundiças”, que reivindicavam naquelas manifestações seu direito ao entretenimento.

O baiano Eliezer dos Santos, conhecido popularmente como “Bola Sete”, homem negro, vindo para a região de Porto Velho durante o 2º surto econômico da borracha, como soldado da borracha e no pós-surto, foi boxeador e trabalhou como camelô e cambista, é um dos maiores nomes e referências a respeito dessa iniciativa de carnaval popular em Porto Velho, o carnaval das ruas, a festa de todos e da resistência.

* Docente do Instituto Federal do Amazonas (IFAM). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Amazônia (PPGHAM-UNIR).

** Doutor em Ciências Socioambientais pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/NAEA, Universidade Federal do Pará. Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia/UNIR. Coordenador do GEPIAA/UNIR (Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares Afro e Amazônicas). Coordenador do CPARQH/UNIR (Centro de Pesquisa em Arqueologia e História).

Figura 01: Recorte do Jornal o Alto Madeira – 01/02/1985



Acervo: Centro de Documentação/MERO

Mais tarde, no final da década de 1950, do mesmo século, surgiram as escolas de samba, marcadas pela mesma divisão, primeiro o Grêmio Recreativo e Escola de Samba Os Diplomatas, formada por populares que já viviam o carnaval de rua dos blocos, depois a Pobres do Caiari, que de pobres só tinham mesmo o nome, dos brancos, moradores do primeiro bairro planejado do país, herdeiros de antigos seringalistas e políticos do norte do Brasil, alguns da alta patente do funcionalismo público, outros do alto escalão de funcionários da EFMM, que queriam até no quesito cultura disputar sua “superioridade” com os pretos do “povo”.

Utilizamos neste artigo alguns recortes de jornais de época, como a utilizada acima, em referência ao Bola Sete e partes de uma entrevista feita sob o método de grupo focal, que evidenciam o racismo

no carnaval em Porto Velho, revelando que as estruturas da sociedade dividida entre elite e pobres/negros e brancos se deu também, na questão cultural, refletindo a própria imagem da sociedade.

Buscamos evidenciar e discutir a existência do racismo, velado ou não, nas disputas carnavalescas entre as escolas de samba em Porto Velho, entre as décadas de 70 e 80 do século XX, já sabendo que elas representavam uma disputa entre categorias sociais no município e como a escola Diplomatas do Samba foi resistência ao racismo dentro das disputas.

Utilizamos o método qualitativo de pesquisa, pois, buscamos evidenciar aspectos referentes a interações entre grupos sociais, com interesses distintos, acreditando que *“a utilização da pesquisa qualitativa tem a finalidade de permitir o olhar do ponto de vista da qualidade dos movimentos e fazeres das práticas sociais.”* (NASCIMENTO ESIMONIAN, 2019, p. 557)

Como instrumento para coleta de dados foi utilizado o Grupo Focal, devido a este ser uma fonte rica de informações pela interação dos indivíduos participantes, em número restrito, mas, ligados pela temática pesquisada. E também, pela agilidade necessária para a coleta de informações, demandando esse instrumento, menos tempo.

Não podemos deixar de citar ainda a realização de levantamento documental, que deu início a todo esse projeto de pesquisa, que ocorreu em jornais de época, disponíveis no Centro de Documentação do Estado de Rondônia, localizado no Museu da Memória Rondoniense – MERO, antigo Palácio do Governo, em Porto Velho.

As Disputas Carnavalescas

O Grêmio Recreativo e Escola de Samba Os Diplomatas foi fundada em 1958, desfilando pela primeira vez em 1959, por pessoas já envolvidas com o carnaval de blocos e desfiles de rua, en-



tre elas: Mestre Bainha, Cabeleira, Valério, Tário Café, Dona Jóia e Leônidas O'Carrol, populares, em maioria de origem negra e parda, alguns do “baixo clero” do serviço público e moradores de zonas consideradas periféricas da cidade naquela época, como o km 1, o bairro Santa Bárbara e o Mocambo. Com o nome provisório de “Prova de Fogo”.

A partir da década de 60, do século XX, outros grupos formaram escolas de samba, para disputar com a Diplomatas os desfiles, uma delas foi a Pobres do Caiari, que contava com boa parte dos moradores do bairro com o mesmo nome da Escola e figuras importantes da política local, como a Professora Marise Castiel, Iran de Brito Mendes, Silvio Santos e Vitor Sadeck. Com grupos de origens e vivências tão distintas, as disputas foram muito além do campo da diversão e da cultura popular.

Figura 02: Recorte do Jornal o Alto Madeira – 10/03/1981



Acervo: Centro de Documentação/MERO

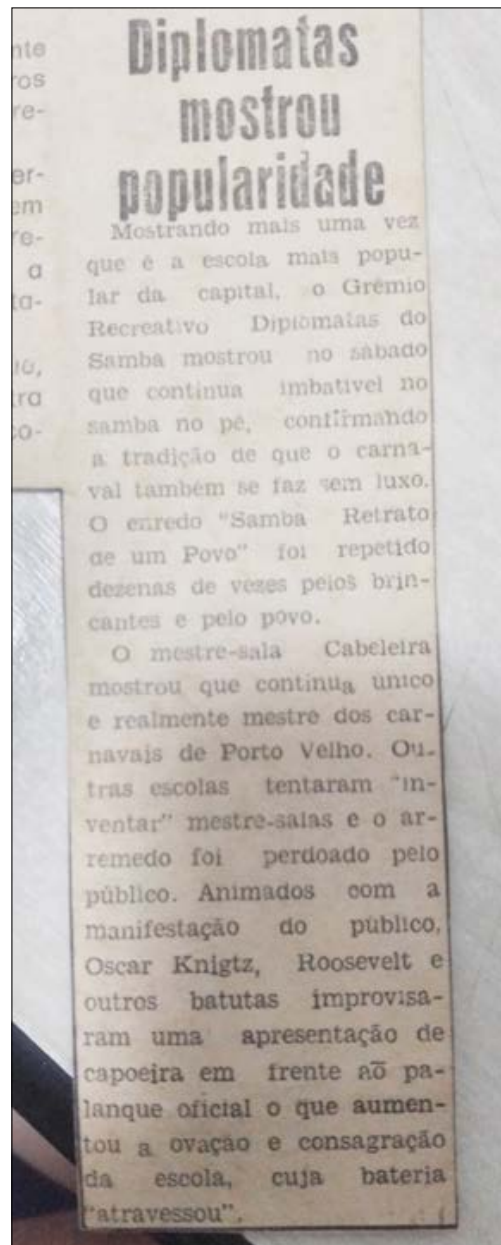
Os recortes de jornais

Foi nítido nos recortes sobre a Diplomatas, que eles eram a escola que se diferenciava das outras pelo “Samba no Pé”, que as outras escolas não conseguiam expressar com tanta firmeza. Não podemos esquecer que esse já é um fator que demonstrava uma ligação clara com a questão racial, pois o samba é de origem afro e o que para os fundadores e brincantes da escola era orgulho e identidade, foi utilizado a posterior, pelos concorrentes como pejorativo, para menosprezo da “escola dos pretos”.

Dentre os recortes jornalísticos de época mais marcantes, está o que revela o texto escrito por Sylvia A. Gasparini, representante da Pastoral do Menor, pertencente à Diocese de Porto Velho, com o título: “Leônidas: a luta de uma raça”, escrita logo

após a morte de Leônidas O'Carrol, um dos fundadores e na época de seu falecimento, Presidente da Escola de Samba Os Diplomatas. No texto, publicado na sessão “O colaborador escreve”, do Jornal O Estadão, Sylvia comparara a luta de Leônidas para inserir os pretos na sociedade através do carnaval à resistência quilombola liderada por Zumbi do Palmares, ainda durante o período colonial e escravagista brasileiro.

Figura 03: Recorte do Jornal o Alto Madeira – 10/03/1981



Acervo: Centro de Documentação/MERO

A mesma afirma que a luta Leônidas era, sobretudo, de resistências e contra o racismo estrutural, que se fazia presente na sociedade portovelhense, assim como no Brasil inteiro. O grande mestre do sam-

ba preto da Diplomatas havia falecido poucos dias antes do desfile das Escolas de Samba, o que levou a Diplomatas a não desfilar em 1988, em luto pelo falecimento de seu co-fundador e Presidente. Segue abaixo, o recorte do texto na íntegra:

Figura 04: Recorte do Jornal O Estadão – 12/02/1988



Acervo: Centro de Documentação/MERO

As falas do racismo

Os dados do Grupo Focal também revelaram aos nossos olhos e ouvidos, as experiências de segregação racial vivenciadas por três grandes nomes da Escola Diplomatas do Samba: Mestre Bainha, Oscar Knightz e Zé Baixinho. Compositores e intérpretes, que participaram da fundação da escola e já ocuparam cargos de dirigentes em outros momentos, mas, que agora fazem parte a escola Asfaltão, também símbolo de resistência no reduto do samba.

“então, essa briga, entre aspas, que as vezes até... embutido o monte de coisa, que a gente não tinha muita consciência na época sobre essas problemáticas de preconceito, de racismo, mesmo sendo dentro do samba, isso rolava... (...) “Por que nós, tô dizendo, vou citar aqui só pra dar um exemplo, nós, nossa vida aconteceu no bairro Santa Bárbara e o bairro Santa Bárbara, digo o nome por trás disso vem do batuque (Terreiro de Santa Bárbara), do batuque que começou no mocambo e depois houve a perseguição e com a perseguição veio, subiu um pouco mais, né? E veio ali pra Joaquim Nabuco e é o nosso reduto até hoje e então, é um reduto de negro, o Mocambo, alguns historiadores dizem que ali foi um quilombo, alguns falam isso. Então é um reduto de negro, de batuque, de crença afro... afro-descendente, né? De Matrizes africanas. Isso não era bem-visto e não é até hoje, né? ... Não há um entendimento de que são religiões, são crenças, né? “Os caras são negros, são macumbeiros” isso pras classes sociais Caiari e Diplomatas isso era muito visível!” (OSCAR KNIGHTZ, 2023)

Os membros da Diplomatas enfrentavam xingamentos racistas, eram barrados de entrar em certos clubes ou festas promovidas pela outra escola de samba, pela sua origem, do bairro onde existiu o primeiro terreiro de macumba de Porto Velho, o Recreio de Yemanjá e Terreiro Santa Bárbara, fundado por uma mulher, também negra, de origem Maranhense, chamada e conhecida popularmente como Mãe Esperança Rita.

Conclusão

Podemos concluir com esse levantamento histórico que o carnaval, para muito além de cultura, é também política de resistência social e racial, espaço para manifestação pluriétnica da sociedade portovelhense. Mantendo-se como resistência deste suas primeiras práticas populares, de rua, até os dias atuais, para sobreviver ao racismo supremacista branco, elitizado e hoje também cristão neopentecostal.

Desde o ano de 2016, as Escolas de Samba não recebem mais o incentivo da Prefeitura Municipal de Porto Velho para



realizarem seus desfiles, hoje, os grupos sobrevivem de suas próprias ações para arrecadação de fundos para manutenção de projetos sociais que dirigem em suas comunidades, geralmente nas zonas periféricas da cidade.

O grupo Asfaltão, é o único que ainda realiza desfile, dentro de seu próprio bairro, o Santa Bárbara, tendo como ponto de encontro, conhecido como reduto do samba, o Bar do Calixto, onde a Escola de Samba realiza ações o ano inteiro para poder desfilar em sua comunidade. Não há, sequer, em Porto velho, um local adequado para o desfile das escolas de samba.

O poder público e a classe política, cada vez mais fanática religiosamente para o neopentecostalismo, não entende que o carnaval tradicional, com desfiles de escolas de samba, gera renda, emprego e lucro para o comércio do próprio município, agarrando-se à satanização da festa popular de origem negra, do batuque e do samba no pé, lutam pelo seu fim, enquanto os grupos continuam em resistência.

A Diplomatas do Samba, como é conhecida hoje, continua existindo e resistindo ao tempo e ao preconceito, sua presidência é composta por Jair Monteiro, enteado de Leônidas O'Carrol e Edson Caúla, sobrinho de Leônidas, seu reduto permanece no bairro Mocambo, na Praça de São José, atrás do Cemitério dos Inocentes, área central de Porto Velho.

Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, G.; BAUER, M. W. (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

NASCIMENTO, Ana Lúcia Cardoso do; SIMONIAN, Ligia T. Lopes. A representação da ação social na prática das religiões

Afro-Brasileiras e Pajelança na Pan-Amazônia. *Amazônia Investiga*, vol. 8, n. 24, p. 552- 560, 2019.

SEBE, José Carlos. *Carnaval, carnavais*. São Paulo: Ática, 1986.

-----//-----

Abstract: The present text is an excerpt from the dissertation writing for the Graduate Program in History of the Amazon – PPGHAM, belonging to the Federal University of Rondônia – UNIR. The theme of the research is the carnival disputes between the samba schools Pobres do Caiari and Os Diplomatas do Samba, in Porto Velho, in the 70s and 80s of the twentieth century. And for this article, the chosen clipping was one of the results of the research, the issue of racism present in the carnival in Porto Velho at the time and the black resistance of a Samba School to the attempts to whiten the popular culture.

Keywords: Porto Velho; Carnival; Samba schools; Racism; Resistance.

Recebido em: 14 de junho de 2023.

Aceito em: 16 de junho de 2023